

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS


ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

Dicionário das Crises e das Alternativas



DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, n.ºs 76, 78 e 79
3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901
www.almedina.net · editora@almedina.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra

producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

do que outros setores e empresas muito pequenas dominam normalmente as cadeias de produtos criativos. Estes criadores e produtores são flexíveis, inovadores e ligados em rede, mas também frágeis e vulneráveis.

Muito embora as indústrias culturais ou criativas sejam frequentemente tratadas como um setor coerente, cada subsetor caracteriza-se por atividades bastante distintas, com diferentes processos e sistemas de valores, em relação à arte e ao comércio. A designação “atividades culturais e criativas” é frequentemente usada para afastar as conotações associadas a “indústrias” e refletir de forma mais exata a natureza e a diversidade do trabalho artístico e cultural. O crescimento da economia criativa evidenciou o potencial económico de produtos culturais e posicionou as indústrias culturais e criativas como fontes de experimentação e inovação para a economia em geral. O Programa Europa Criativa, da União Europeia, é o enquadramento macro disponível atualmente. São diversas e altamente contextualizadas as estratégias localizadas para promover indústrias culturais, com numerosas iniciativas empenhadas em fomentar atividades culturais catalisadoras da transição e do desenvolvimento económicos.

No atual clima de austeridade, o Governo está a centrar a sua atenção na exportação de produtos de indústrias culturais/criativas portuguesas – especialmente em áreas não linguísticas, como o *design* de mobiliário e de moda – como um setor de potencial crescimento económico e desenvolvimento. Esta estratégia faz-se eco de iniciativas de economia criativa visíveis em outros países europeus. No entanto, à medida que a política governamental se centra nas indústrias culturais/criativas “exportáveis”, corre-se o risco de atividades culturais menos comerciais perderem incentivos e serem ameaçadas. Esta questão é particularmente grave num momento em que as políticas e os programas culturais fundamentais são associados a algumas incertezas. Uma ambiguidade que pode comprometer os objetivos de desenvolvimento económico com o tempo. É seriamente inquietante que a maioria das artes e das atividades culturais possa ser vista apenas a partir da ótica do “desenvolvimento e progresso económico”.

Nancy Duxbury

Inovação

O conceito de inovação tem vindo a ganhar proeminência no discurso público em anos recentes, em resultado do reconhecimento da sua importância central para o processo de crescimento económico. Neste contexto,

a inovação é particularmente associada à invenção de novas tecnologias, frequentemente com o contributo da investigação académica. No entanto, a inovação vai para além da dimensão tecnológica, abrangendo também a dimensão organizacional ou de *design*. Distingue-se do processo de invenção (passível de registo de patente), correspondendo antes à efetiva utilização económica de um novo produto ou processo, o que normalmente requer um período posterior de desenvolvimento e investimento consideráveis. Assim, este processo de inovação tanto pode corresponder à introdução de um novo produto ou processo a nível global como simplesmente a nível local, baseado na capacidade para a imitação avançada.

Com a maior capacidade de partilhar conhecimento em redes, tem-se vindo a desenvolver um novo modelo de “inovação aberta”, com amplos contributos dos respetivos utilizadores. O alargamento da participação nos processos de inovação é também evidente no conceito de “inovação social”, com a participação de organizações do terceiro setor, bem como do setor público. Este alargamento do conceito de inovação imprime também uma outra visão da inovação, indo para além do papel central da empresa e do contributo da Universidade, e centrando-se no seu impacto social. A inovação é atualmente identificada como a base do crescimento futuro das economias europeias, no período pós-crise. No entanto, não só a competitividade futura em inovação pode ser afetada pelas políticas de austeridade na Europa e pela falta de liquidez financeira e capacidade de investimento, como a competitividade externa, dos países do Sul global, é também cada vez mais baseada neste processo.

É importante refletir sobre uma visão da inovação como simples solução. Recordemo-nos de que várias inovações financeiras em anos recentes estiveram na origem da crise financeira iniciada em 2008. Este facto é apenas mais um alerta para nos lembrar da necessidade de uma governação responsável das inovações emergentes.

Tiago Santos Pereira

Insegurança

A insegurança é um dos temas centrais das atuais narrativas urbanas, com eco nos meios de comunicação social, nos debates políticos e académicos e nas conversas quotidianas. Em contextos de crise económica e social – marcados por incertezas e vulnerabilidades –, ganha dimensões e contornos